

EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NOS PREÇOS DOS ALIMENTOS NO BRASIL*

EFFECTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON FOOD PRICES IN BRAZIL

Woodroow Richardson Santiago de Oliveira**

Alicia Cechin***

Resumo: Entra ciclo e sai ciclo, a inflação retorna à pauta. A pandemia do Covid-19 e outras variáveis estruturais do Brasil como a desvalorização do Real e os riscos fiscais, fizeram com que a inflação aparecesse cada vez mais. A alta de preços em alguns setores, principalmente na alimentação, fez com que a preocupação sobre a temática da inflação voltasse ao radar dos consumidores e do mercado financeiro. Perante isso, se levantou o seguinte questionamento de pesquisa: como a pandemia da Covid-19 influenciou os preços dos alimentos no Brasil? O trabalho teve como objetivo compreender, a partir de uma revisão bibliográfica e estatística descritiva, os efeitos gerados pela pandemia da Covid-19 nos preços dos alimentos no Brasil. Os preços de alimentos acumularam uma alta superior do que a média da inflação nacional. De fato, existe uma tendência em todo o mundo de alta nos preços de alimentos, muito devido a problemas nas cadeias globais de oferta gerados pela pandemia. Contudo, a Covid-19 não é a única razão da carestia de alimentos. Aspectos internos, como a insegurança econômica e política, e a conseqüente desvalorização cambial, agravaram esse problema. E nesse cenário, a inflação, no formato em que se delineou na crise da Covid-19, atingiu em particular as famílias mais pobres.

Palavras-chave: Alimentos; Covid-19; Inflação.

Abstract: Cycle enters and cycle exits, inflation returns to the agenda. The Covid-19 pandemic and other structural variables in Brazil such as the devaluation of the Real, fiscal risks, made inflation appear more and more. The rise in prices in some sectors, mainly in food, made the concern about the inflation theme return to the radar of consumers and the financial market. In view of this, the following research question was raised: how did the Covid-19 pandemic influence food prices in Brazil?. The objective of this work was to understand from a bibliographic review and descriptive statistics of the effects generated by the Covid-19 pandemic on food prices in Brazil. Food prices have accumulated a higher rise than the national inflation average. In fact, there is a trend across the world for food prices to rise, largely due to problems in global supply chains generated by the pandemic. However, Covid-19 is not the only reason for the food shortage. Internal aspects, such as economic and political insecurity, and the consequent exchange devaluation have aggravated this problem. And in this scenario, inflation in the format in which it took shape in the Covid-19 crisis hit the poorest families in particular.

Keywords: Food; Covid-19; Inflation.

Classificação JEL: D1; E31

*Submissão: 26/03/2022 | Aprovação: 24/05/2022 | Publicação: 23/12/2022 | DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v5.i2.109](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v5.i2.109)

**Universidade Federal de Rondonópolis – UFR | E-mail: woodroow.r@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4788-3969>

***Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada | E-mail: alicia_cechin@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6816-1797>

1. Introdução

No final de 2019, o mundo foi surpreendido com a notícia de um novo vírus originário da China, cujos sintomas eram semelhantes aos da gripe e causara a morte de milhares de pessoas em poucos dias, recebendo posteriormente o nome de Covid-19 e alastrando-se de forma acelerada em todo globo, devido a sua fácil transmissão. Além dos efeitos nefastos da morbimortalidade, a Covid-19 também tem gerado o aumento da insegurança alimentar. O preço dos alimentos caiu no começo da pandemia, mas subiu a partir de maio de 2020. Segundo Cogo (2021), os alimentos mais consumidos no mundo estão no nível mais elevado de preços desde 2014. Nos últimos 12 meses (de abril 2020 à abril 2021), o óleo de soja subiu 82%, muito acima da inflação média, o arroz 56% e as carnes, 35% e tem ainda o aumento do gás em 21%. Um dos fatores das altas sem trégua tem a ver com o que ocorre fora do país, pois o preço que se paga é regulado internacionalmente, em dólar, que está em um valor elevado.

Se, por um lado, o Brasil sai ganhando, pelo fato de ser um grande produtor e também exportador de commodities, por outro, enquanto a demanda externa estiver aquecida, o preço dos alimentos não deve cair. Vale destacar que essa inflação de alimentos que ocorre no Brasil também acontece em escala global. A retomada da atividade econômica em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, e países que comumente são importadores de alimentos, pressiona a demanda dos mesmos. Torero (2021) destaca que a alta do preço dos alimentos deve continuar a ser uma realidade brasileira e mundial, sendo que os mercados nacional e internacional do setor estão sob pressão pela queda de estoques, além de outros efeitos da pandemia da Covid-19 nas economias.

Em termos sociais, a inflação de alimentos atingiu de forma mais intensa a população com renda inferior, cujo dispêndio com alimentação é relativamente mais elevado que o de outras camadas sociais. Conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2021), no acumulado em doze meses (março de 2020 a março de 2021), a taxa de inflação para as famílias mais pobres (7,2%) segue bem acima da observada no segmento mais rico da população (4,7%). Segundo Baccarin e Oliveira (2021), em decorrência, pode acontecer a redução da quantidade de alimentos obtida, ou mesmo a substituição daqueles com maior pelos com menor qualidade nutricional, agravando a condição de Insegurança Alimentar e Nutricional. E dada a necessidade calórica mínima na ingestão de alimentos, o problema se agrava. Segundo o Grupo Alimento para Justiça (2021), mais da metade dos domicílios no país, 59,4%, se encontram em situação de insegurança alimentar durante a pandemia. A falta de alimentos em quantidade ou qualidade necessária traz impactos para a saúde.

Diante desse cenário, levantou-se o seguinte questionamento de pesquisa: como a pandemia do Covid-19 influenciou os preços dos alimentos no Brasil? A temática justifica-se, pois a pandemia da Covid-19 tem afetado de forma significativa a economia e as cadeias alimentares globais. Segundo Barros (2021), do lado da oferta, as medidas sanitárias de abertura e fechamento das atividades acabaram quebrando os fluxos estruturais das cadeias por afastamento do trabalho, carência de insumos, falhas logísticas, fechamento de serviços, etc. Já do lado da demanda, o desemprego, a redução de renda dos informais, e a entrada e suspensão dos auxílios de renda oficiais, afetaram o mercado de alimentos. A importância social do presente estudo consiste em levar à sociedade o conhecimento dos efeitos da pandemia do Covid-19 nos preços dos alimentos. Ainda se vive um período de incerteza e a expectativa de inflação ainda é alta, o que gera mais pressão nos preços dos alimentos.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender, a partir de uma revisão bibliográfica e estatística descritiva, os efeitos gerados pela pandemia do Covid-19 nos preços dos alimentos no Brasil. Os objetivos específicos são: fundamentar o contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo; descrever o conceito de inflação e abordar os efeitos da pandemia nos preços de alguns alimentos selecionados no Brasil, como açúcar, arroz, milho, café arábica, boi gordo, frango congelado e soja. Como hipótese, considera-se que a pandemia elevou o preço dos alimentos no Brasil.

O estudo está dividido em quatro seções, além da introdução. A segunda seção contempla o contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. A terceira seção descreve a metodologia adotada no presente estudo. A quarta seção destaca os resultados e discussões da pesquisa. Por fim, fazem-se as considerações finais.

2. contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil

Ao término de 2019, iniciou-se a disseminação global de um novo vírus, com origem da China. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus pertencente ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae, que ficou conhecido como Covid-19. Tem uma capacidade de dispersão rápida e é mais grave para idosos e indivíduos com problemas de saúde, podendo causar a necessidade de internação e tratamento intensivo, o que resultou no esgotamento da capacidade de atendimento da rede de saúde em diversos países (FREITAS; NAPIMOGA; DONALISIO, 2020).

Conforme Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), o surto da doença gerada pelo novo coronavírus (Covid-19) se tornou um problema de saúde pública de relevância internacional em janeiro de 2020, e em março, foi declarado como uma pandemia. Em meados de agosto de 2020, já tinham sido confirmados no mundo o total de 17.918.582 casos da doença, com 686.703 mortes.

De tal modo, Bardi (2020, p.7) destaca que “essa pandemia pode ser a principal causa da pior crise do capitalismo desde 1929, estimando os seus amplos efeitos econômicos, políticos e sociais, evidenciando as contradições do sistema capitalista”. O enfrentamento desta crise socio sanitária demanda empenho de políticas públicas para além do campo da saúde, em função do impacto que pode provocar desde em atividades básicas do cotidiano, até no modo de trabalhar e como os indivíduos se relacionam.

O risco de contaminação pela Covid-19 é generalizado, mas os recursos exibidos por distintos grupos sociais para o enfrentamento da situação evidenciam que os mais afetados são as pessoas de pouca renda, que vivem nas periferias, os que não contam com abastecimento hídrico, a população negra e indígena, entre outros que possuem menos acesso aos seus direitos (SANTOS, 2020, p.12).

O isolamento social variou de acordo com as necessidades de cada local, conforme o número de casos, leitos disponíveis, tipo populacional e demais aspectos que relacionados à dispersão do vírus. Com o isolamento, as atividades econômicas e sociais que derivam em aglomeração de indivíduos ficaram proibidas. Isso acabou afetando de forma direta a economia, local ou global, com a diminuição do consumo de bens e serviços, e gerou redução no faturamento, decréscimo na arrecadação de tributos e diminuição de empregos (BRASIL, 2020).

A população foi aconselhada a ficar em casa, as empresas foram fechadas e poucos estabelecimentos ficaram abertos, como os de serviços essenciais e de saúde. Esse novo panorama acabou fazendo com que as pessoas continuassem a trabalhar em suas residências e um novo modo de trabalho teve que ser colocado em prática (LI, 2020). As ações governamentais para frear o contágio por Covid-19 acabaram provocando a suspensão de atividades, sobretudo, em ramos econômicos como a prestação de serviços e o comércio varejista, representados, muitas vezes por empresas de micro ou pequeno porte (SEBRAE, 2020).

Biernath (2020) comenta que a crise sanitária gerada pelo surto da Covid-19 se denota como um dos grandes desafios da história contemporânea da humanidade. Conforme evidenciam pesquisas de variados institutos e de diversos organismos multilaterais, os impactos socioeconômicos dessa pandemia não encontram paralelo em nenhum outro evento de proporções planetárias, como a Grande Depressão de 1929 e a Crise Econômica e Financeira Internacional de 2007-2008.

Conforme explica Domènech (2020), perante a extensão e a profundidade da recessão em curso, uma das questões mais relevantes para o planejamento e a criação de políticas públicas para a superação da crise abrange avaliar a magnitude e as características dos programas de socorro a governos, empresas e colaboradores implementados até o momento.

Segundo Saboia, Roubaud e Razafindrakoto (2020) para compensar os agravos da pandemia do Covid-19, foram liberados pelo Governo Federal auxílios de renda desde o mês de abril de 2020. O que tem sido, em muitos dos casos, o único recurso financeiro a assegurar o cumprimento do mínimo existencial das famílias, principalmente, dos trabalhadores informais – que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), são mais de 5,8 milhões de pessoas no país.

Ou seja, os empregados do setor privado sem carteira assinada; empregados domésticos sem carteira assinada; trabalhadores sem registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ); trabalhadores por conta própria sem registro no CNPJ; e trabalhadores familiares auxiliares. Sendo que a participação dos informais no mercado de trabalho decaiu de 40,6 para 37,6% dos ocupados em apenas um trimestre (Saboia; Roubaud; Razafindrakoto, 2020, p.2).

Nos três meses iniciais de pandemia, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), foram 2.727 mil admissões e 4.215 mil desligamentos, evidenciando o cenário ruim nesse período. Para complementar as estimativas negativas, a Organização Internacional do Trabalho (2020), averiguando as repercussões econômicas da Covid-19, exibiu uma pesquisa mostrando que, no ano de 2020, a economia global apresentou uma queda de 3% no crescimento, ressaltando que da série histórica, esse período se alude a maior recessão mundial desde o ano de 1929.

Alves e Almeida (2021) destacam que as medidas tomadas pelo governo brasileiro foram similares as usadas em outros países – recomendadas pela OMS – como a utilização de máscaras faciais, luvas, álcool em gel, distanciamento físico, empresas e comércios operando com quantidade reduzida de funcionários e, sobretudo, o isolamento domiciliar. Essas ações afetaram de forma direta o funcionamento da maior parte das empresas.

Na pandemia, segundo o SEBRAE (2020), diversos empreendedores tiveram que encerrar as atividades de seus estabelecimentos. Outros, que conseguiram se sustentar, tiveram que se reinventar para assegurar a sobrevivência dos negócios.

Ainda segundo Baccarin e Oliveira (2021), isso ocorreu pela transferência de gastos dos consumidores para os alimentos, em detrimento de produtos e serviços menos essenciais ou que tiveram seu consumo limitado por ações sanitárias empregadas para enfrentar a Covid-19. Também a instituição da renda emergencial operou no âmbito de aumentar e/ou manter o consumo de alimentos no país. De tal modo, para um melhor entendimento da temática, na próxima seção aborda-se a evolução, o conceito e tipos de inflação no Brasil e a interação entre oferta e demanda.

2.1 Contexto de inflação

A inflação pode ser conceituada como sendo o aumento geral e persistente dos preços. Nesse âmbito, a inflação pode ser dividida em: inflação de demanda e de custo. A inflação de demanda ocorre quando se tem um excesso de demanda agregada em relação à produção disponível. Elevam-se as possibilidades de ocorrer inflação da demanda quando a economia produz próximo do pleno emprego de recursos. Para que esse tipo de inflação possa ser combatido, torna-se necessário que a política econômica tenha como base instrumentos que causem a diminuição da procura agregada (SCHWATSMAN, 2013).

No caso brasileiro, para calcular o índice de inflação, utiliza-se uma variação mensurada pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado com base no preço médio necessário para comprar um conjunto de bens de consumo e serviços, comparando com períodos anteriores. Para Schwatsman (2013), a inflação de custos está ligada de forma direta a inflação de oferta. Nesse caso, o nível da demanda tende a permanecer e os custos se elevam. Devido ao aumento dos custos há uma retração da produção, que faz com que os preços de mercado também sofram um aumento.

Riveira (2021) comenta que a inflação é uma medida da variação dos preços. Ela se eleva de maneira mais brusca quando existe um desequilíbrio entre uma alta demanda dos consumidores e uma oferta insuficiente de produtos para atendê-la. Cada setor tem um momento distinto. Além disso, menciona também a existência da inflação inercial, que não possui ligação com a oferta e a demanda, mas sim com a perspectiva de inflação. Essencialmente, é gerada por questões especulativas. Já a inflação estrutural é parecida com a inflação de custos, sendo resultado da falta de eficiência da infraestrutura de produção da economia do país. Isso acaba derivando na rigidez da oferta de produtos e serviços que são a base da estrutura econômica.

Segundo Jaskulski (2010), a inflação reprimida se evidencia quando governos empregam políticas de congelamento de preços ou determinação de preços máximos por produtos e serviços, o que provoca a escassez. Enquanto a estagflação acontece quando uma economia registra crescimento estagnado e elevada inflação. Isto é, a economia não cresce e os preços sobem sem parar, mesmo que as famílias estejam consumindo menos.

O autor destaca ainda que os preços podem subir por outros aspectos além da pressão do consumo, como por exemplo, devido ao aumento das commodities, crises hídricas, elevação do dólar, fatores psicológicos da inflação, dentre outros. A hiperinflação ocorre quando o descontrole inflacionário adentrou a níveis tão absurdos que os preços passam a ser reajustados em dezenas ou centenas percentuais de uma única vez. Entram aspectos psicológicos, produtivos e econômicos da inflação de forma muito forte e acelerada.

Segundo Bernanke e Mishkin (2010), por meio do sistema de metas, o Banco Central persegue uma inflação baixa e estável, podendo ter alguma margem para evitar flutuações do produto, mas sempre buscando a estabilidade de preços no longo prazo. Sob o sistema de metas, o Banco Central possui liberdade e independência para perseguir a sua meta. Além disso, divulgando esta meta publicamente, aumenta a transparência e a comunicação com o público e a imprensa.

O sistema de metas da inflação se caracteriza por determinar intervalos oficiais para a taxa de inflação para um ou mais horizontes de tempo e por tornar explícito o consenso de que a estabilidade de preços é o principal objetivo da política monetária. Outros atributos importantes incluem a melhora na comunicação com o público sobre os planos e objetivos dos formuladores de política monetária, e, em muitos casos, aumento da transparência do banco central na forma como ele vai atingir esses objetivos (Bernanke; Mishkin, 2010, p.10).

Vale destacar que, conforme o Banco Central do Brasil (Bacen, 2022), o regime de metas para a inflação tem sido bem-sucedido no país. O sistema tem permitido que a inflação fique sob controle, em graus relativamente baixos. Desde a inserção do regime em 1999, a inflação tem se situado dentro do intervalo de tolerância na maioria dos anos-calendário. Mesmo perante choques relevantes que colocaram a inflação temporariamente fora do intervalo de tolerância, a inflação retornou à trajetória das metas.

Além disso, complementa que o essencial para isso tem sido a ancoragem das expectativas de inflação, ou seja, as pessoas usam a meta de inflação como referência da inflação prospectiva. Isso promove superior previsibilidade para a economia e melhora o planejamento das famílias, empresas e governo. O sistema também propicia altos níveis de transparência e responsabilização. Como exemplo, o comunicado e a ata das reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) e o Relatório de Inflação trazem a visão do Copom em relação à economia e as razões das decisões tomadas. A inflação ficou fora do intervalo de tolerância em cinco anos: 2001, 2002, 2003, 2015, 2017 e 2021 (BACEN, 2022).

Segundo o Correio Braziliense (2021), em 2020, a pressão sobre os alimentos persistiu, tendo em vista que a demanda interna permaneceu aquecida. E o orçamento familiar ficou ainda mais afetado devido aos previstos reajustes nos planos de saúde, aluguéis e combustíveis, entre outros itens. Riveira (2021) cita que aspectos externos, como a alta do dólar ante o real e o aumento da demanda por produtos agrícolas no cenário internacional, também puxaram os preços para cima. Houve em 2020 alguns motivos para que a inflação subisse mesmo na crise. Contudo, é necessário separar o que foi uma questão de conjuntura, como foi o caso do auxílio emergencial cedido pelo Governo Federal ou o aumento do preço das commodities no exterior, e o que realmente é um risco real de descontrole na inflação. Compreender onde está o risco, e como remediá-lo,

é decisivo para uma recuperação econômica sustentável.

Riveira (2021) acrescenta que em todo o mundo aumentou o debate sobre se o consumo no pós-crise – com diversos países tendo vacinado a maior parte da população até o segundo semestre de 2021 – pode trazer à tona uma pressão inflacionária. Soma-se a isso o cenário inédito da crise da Covid-19, que impediu diversos negócios de operarem, ceifando milhões de empregos pelo mundo, e fez os governos despejarem recursos significativos em suas economias.

Yazbek (2021) cita que em meio ao problema generalizado, as economias mais vulneráveis – como é o caso da brasileira – sentem um efeito extra sobre os preços. Isso ocorre pelo fato de que, quando a inflação sobe nos Estados Unidos, por exemplo, há uma perspectiva que os juros vão subir por lá para conter os preços. O efeito disso é que os investidores acabam migrando os seus recursos para lá, economia mais segura do mundo, em busca de rendimentos maiores.

Nesse movimento, muitos tiram dinheiro de países mais arriscados. O efeito na moeda local é de desvalorização. No caso do Brasil, um real enfraquecido denota na alta da inflação, pois os preços de 30% dos bens e serviços são afetados pela moeda americana. O resultado dessa inflação alta é a perspectiva de aumento dos juros, o que esfria a economia como um todo.

De tal modo, no próximo capítulo apresenta-se o procedimento metodológico a ser utilizado para que a discussão sobre a temática possa ser averiguada em resultados.

3. Metodologia

Inicialmente, a metodologia de pesquisa empregada foi à revisão de literatura, a qual, segundo Gil (2011), consiste em estudo que averigua a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura escolhida.

Em seguida, utilizou-se a metodologia de estatística descritiva. Conforme Echer (2011), a pesquisa estatística pode ser definida como um estudo que identifica, reúne, trata, analisa e apresenta dados para suprir determinada necessidade de informação. Os dados para a análise de estatística descritiva foram obtidos na base de dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), no período de 2020 a 2022, com os valores mensais em reais de alguns alimentos como açúcar, arroz, milho, café arábica, boi gordo, frango congelado e soja. Também foram utilizados os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Receita Federal no período de 2021.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa seção apresenta os resultados e discussões em relação aos motivos que fizeram o preço dos alimentos (açúcar, arroz, milho, café arábica, boi gordo, frango congelado e soja) aumentarem no período da Covid-19 no Brasil. Schneider et al. (2020) elencam que em escala nacional, a pandemia impactou o dinamismo da economia brasileira e o poder de compra populacional, além de também pressionar os preços, o que gerou o aumento na inflação, promovendo o aumento da pobreza e da vulnerabilidade. Por outro lado, em relação ao cenário externo, as exportações de alimentos e matérias-primas, sobretudo do agronegócio, aumentaram de modo seletivo, especialmente em relação aos grãos, carnes e seus derivados.

Mas, vale destacar, que o Brasil está longe de ser o único que enfrenta a problemática de aumento generalizado de preços. Mota (2022) explica que os Estados Unidos, a Europa e a própria América Latina, os bancos centrais - a quem comumente incumbe à tarefa de tentar conter a inflação utilizando o mecanismo das taxas de juros - viram os indicadores de inflação aumentar muito mais do que imaginavam. No país, todavia, aspectos domésticos se somaram aos fatores externos e colaboraram para que se evidenciasse uma das maiores inflações da região. O Quadro 1 (ANEXO A) apresenta o Índice de Preços ao Consumidor Amplo no Brasil entre janeiro de 2020 a dezembro de 2021.

No Quadro 1 destaca-se que em grande parcela do ano de 2020, até setembro, o comportamento da inflação permaneceu em um patamar de normalidade. A meta para 2020 era de 4%, com uma margem de tolerância que poderia ir de 2,5% até 5,5%. Com uma deflação nos meses piores da pandemia e depois uma recuperação do padrão progressivo, mesmo os aumentos mais intensos observados até janeiro de 2021 não denotaram maiores problemas, mas somente expressaram choques relevantes dos preços vinculados a commodities, conteúdo importado da indústria e taxa de câmbio.

Contudo, é observado que a inflação se acelerou a partir do mês de março de 2021, mês que assinala um arrefecimento da recuperação, devido ao aumento de casos e agravamento da pandemia. Evidenciou-se também uma depreciação do real. É notório, que perante esses fatos, a inflação começou a assumir valores cada vez mais elevados mês a mês.

Mais do que isso, as expectativas da inflação para o ano de 2021, que estavam em um intervalo dentro do limite da meta do Banco Central¹ rompeu esse nível de modo recorrente depois de março de 2021. Tanto que a partir de setembro de 2021, a inflação brasileira ultrapassa os 10%, devido ao aumento dos combustíveis e da crise hídrica. Cabe destacar, que devido a isso, houve o acréscimo da taxa Selic e o início do seu ciclo de aumento.

1 O alvo central da meta para a inflação era de 3,75%, com margem de tolerância que ia de 2,25% até um limite máximo de 5,25%.

Carneiro (2021) comenta que uma questão de enorme relevância é aquela concernente ao motivo pelo qual a inflação se acelera e se dispersa com mais intensidade no Brasil do que em outros países, especialmente nos emergentes. Existem pelo menos três aspectos primordiais a considerar na resposta a essa questão, essencial por seu papel na economia e no cotidiano da população.

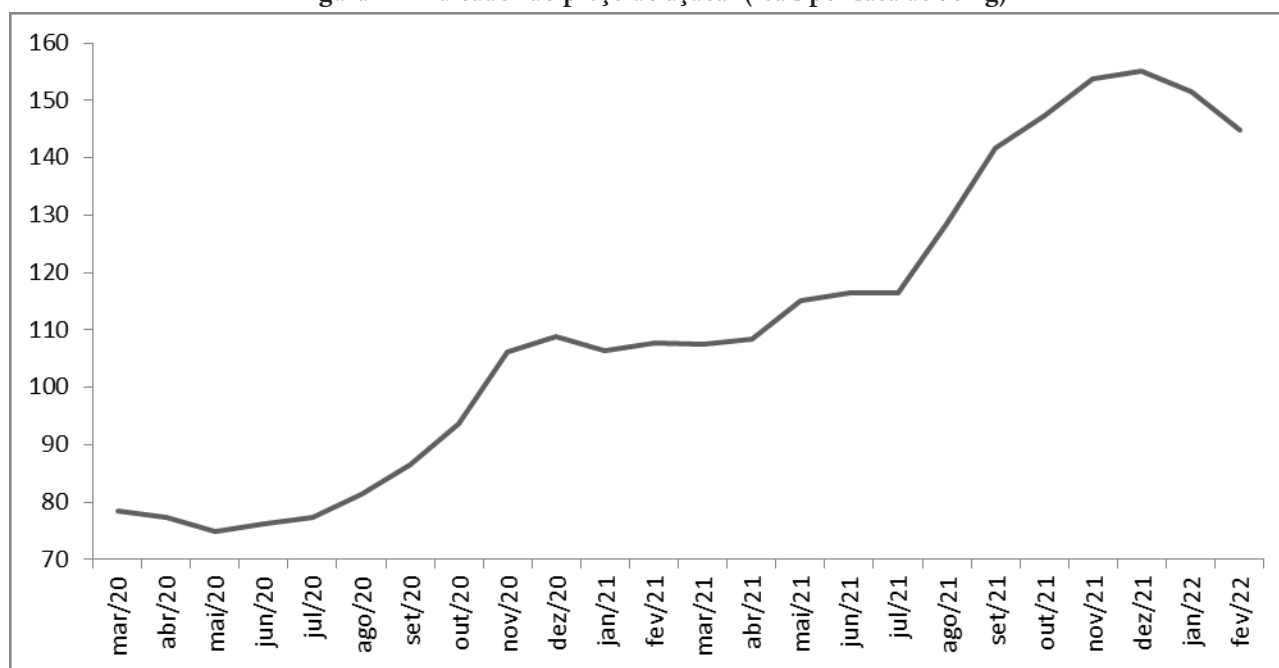
Carneiro (2021) cita que o primeiro, menos controverso, se alude ao peso das commodities na estrutura de produção, ao qual se deve agregar o alto coeficiente importado em segmentos industriais. O segundo é a desvalorização do real, a qual também coloca o Brasil como um dos líderes entre seus pares. E o papel das expectativas e da inércia na dispersão da inflação ou na transmissão dos choques de oferta e como o Banco Central lida com elas.

Segundo Assunção (2021), o impacto da inflação global dos alimentos é maior na América do Sul, com 21%, seguida da África e Ásia Meridional, com 12%, e Oceania, com 8%; essas são as regiões mais afetadas pelo aumento dos preços. A elevação na inflação dos alimentos em países estruturalmente dependentes, como o Brasil, penaliza, sobretudo, as populações de renda inferior, aumentando a insegurança alimentar e a fome.

Assunção (2021) complementa que no Brasil, a inflação de alimentos no primeiro ano da pandemia da Covid-19 chegou ao valor de 14,09%, enquanto a inflação geral registrada pelo IPCA ficou no patamar de 4,53%. Não obstante, o acréscimo nos preços dos alimentos continua. Para se ter uma ideia do acréscimo dos preços das commodities agrícolas, entre abril de 2020 e abril de 2021, os preços das variadas mercadorias agrícolas negociadas nos mercados financeiros evidenciaram flutuações que vão de 20 a 100% de elevação. Como exemplo, se menciona o aumento de 100% nos preços do óleo de soja, 84% do milho, 79% da soja, 59% do arroz, 40% do açúcar, dentre outros.

A seguir apresentam-se nas Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, respectivamente, a variação, de março de 2020 a janeiro de 2022, dos preços do açúcar, arroz, milho, café arábica, boi gordo, frango congelado e soja, alimentos relevantes na cesta de consumo dos brasileiros.

Figura 1 – Indicador do preço do açúcar (reais por saca de 50 kg)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

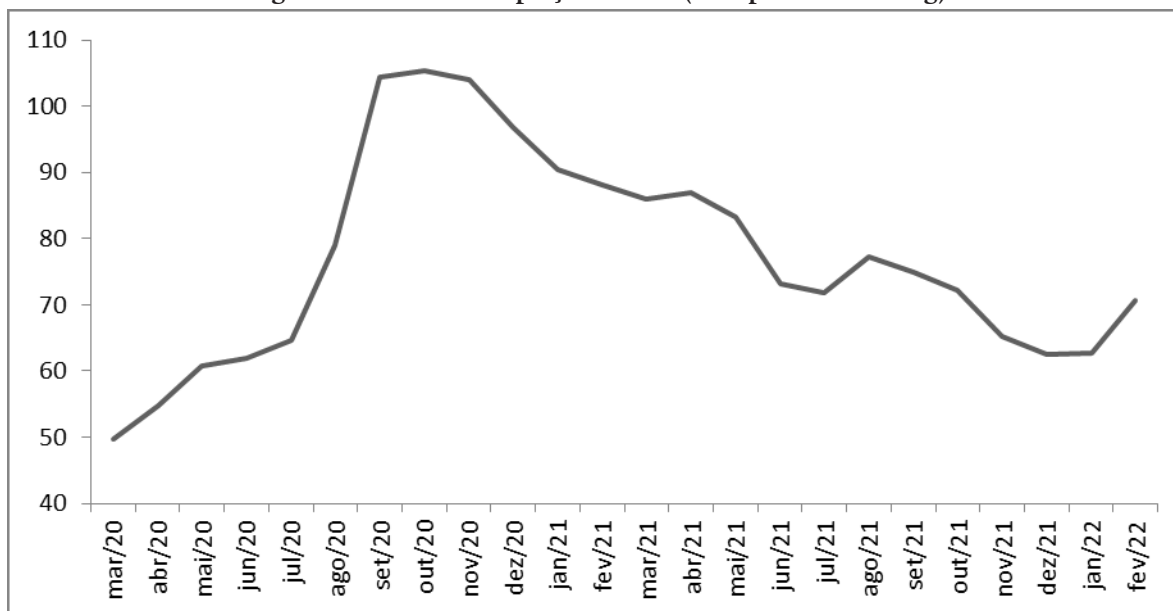
Segundo o CEPEA (2020), com as medidas de isolamento social impostas na segunda quinzena de março para a contenção do novo coronavírus, formou-se uma expectativa de queda nas vendas de etanol. Esse cenário conduziu as usinas paulistas a direcionar maior volume de cana para a produção de açúcar. O impulso do aumento do preço do açúcar em 2020 veio, sobretudo, das exportações aquecidas no decorrer de todo o ano, o que restringiu a oferta no mercado nacional.

Além disso, destacam que a incerteza quanto aos efeitos da pandemia na economia impulsionaram o dólar, que extrapolou os R\$ 5,00, tornando as exportações mais atraentes. Já no setor industrial, boa parte das indústrias alimentícias interrompeu a produção em abril, devido as medidas de isolamento, com gradual retomada das atividades em maio e decorrente recuperação da liquidez nos meses seguintes, alcançando picos em outubro e novembro de 2020. Almeida (2021) comenta que os problemas com a safra da cana-de-açúcar, como é o das questões climáticas, com um inverno muito rigoroso, contribuíram na alta do preço do etanol e do açúcar refinado no ano de 2021.

McDougall (2021) destaca que a crise da oferta global de açúcar piorou em 2021. O país registrou preços recordes de etanol, pois os consumidores aproveitaram o alívio nas restrições na pandemia e voltaram a viajar, o que elevou o consumo do biocombustível. Isso significou que as usinas tiveram que processar mais cana em etanol, em vez do açúcar.

McDougall (2021) complementa que o biocombustível é potencialmente mais lucrativo, sobretudo para as usinas que estão financeiramente apertadas. Os preços do etanol nas usinas de São Paulo saltaram em dezembro de 2021 para o maior valor registrado desde 2000. A oferta de cana-de-açúcar ficou apertada em virtude da severa seca que devastou a produtividade no país. A moagem de cana caiu em 31% em abril 2021 em comparação com o ano anterior. Os preços futuros em Nova York subiram 73% de 2020 para 2021. A alta significou aumento dos custos para os fabricantes de alimentos em um momento em que a inflação dos alimentos e a fome tornaram-se uma preocupação crescente em todo o Brasil.

Figura 2 – Indicador do preço do arroz (reais por saca de 50 kg)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

Para Garcia (2021), conforme uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, o arroz e o feijão, alimentos que formam o tradicional prato brasileiro, tiveram um acréscimo no preço superior a 60% entre março de 2020 e março de 2021. Essa elevação no preço pode ser explicada pela alta do dólar, que favoreceu as exportações e pela pequena quebra de safra do arroz. A permanência da pandemia e a nova rodada do auxílio emergencial continuaram pressionando os preços para cima.

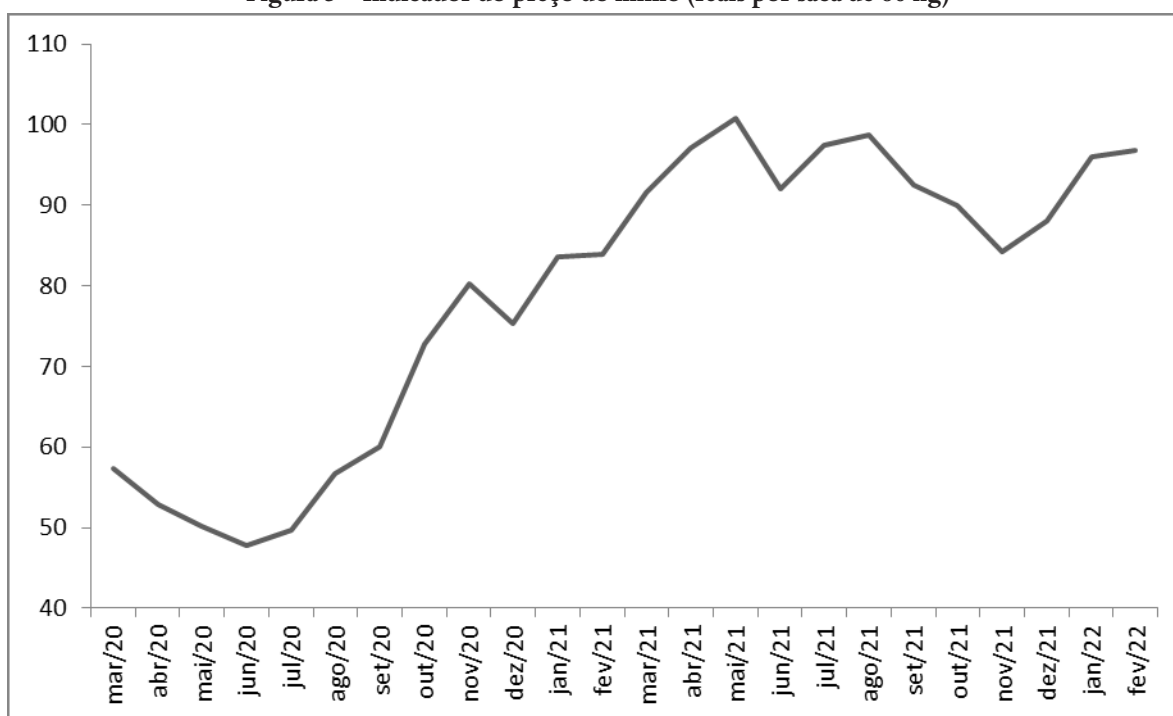
Para Velho (2021), a alta do preço do arroz é atribuída a um conjunto de aspectos, a denominada “tempestade perfeita”, que favoreceu o setor. Grandes países produtores, como China, Índia e Vietnã, acabaram por segurar parcela de suas produções para garantir a segurança alimentar. O câmbio superior a R\$ 5,00 favoreceu uma exportação maior e, ainda, houve o aumento no consumo interno em aproximadamente 5%.

Girão (2021) elenca que além do controle mais rigoroso da entrada de produtos no país, devido ao atraso na liberação das cargas, a oferta também ficou reduzida, e o mercado nacional não possui um abastecimento regulador que mantivesse esses preços saudáveis. Além disso, os custos da lavoura também aumentaram em 2020, sobretudo, pela alta dos fertilizantes, cotados em dólar, já que o país importa grande parcela dos insumos para o cultivo do arroz.

Souza Júnior (2021) explica que as commodities mais relevantes na exportação nacional (grãos, carnes e café) tiveram altas expressivas no primeiro semestre de 2021, frente a igual período do ano de 2020. Produtos como o milho chegaram a ter aumento de 77% no mercado interno. As altas de preços no país derivaram de um conjunto de aspectos como a crise hidrológica, as relevantes altas de preços internacionais e a desvalorização cambial.

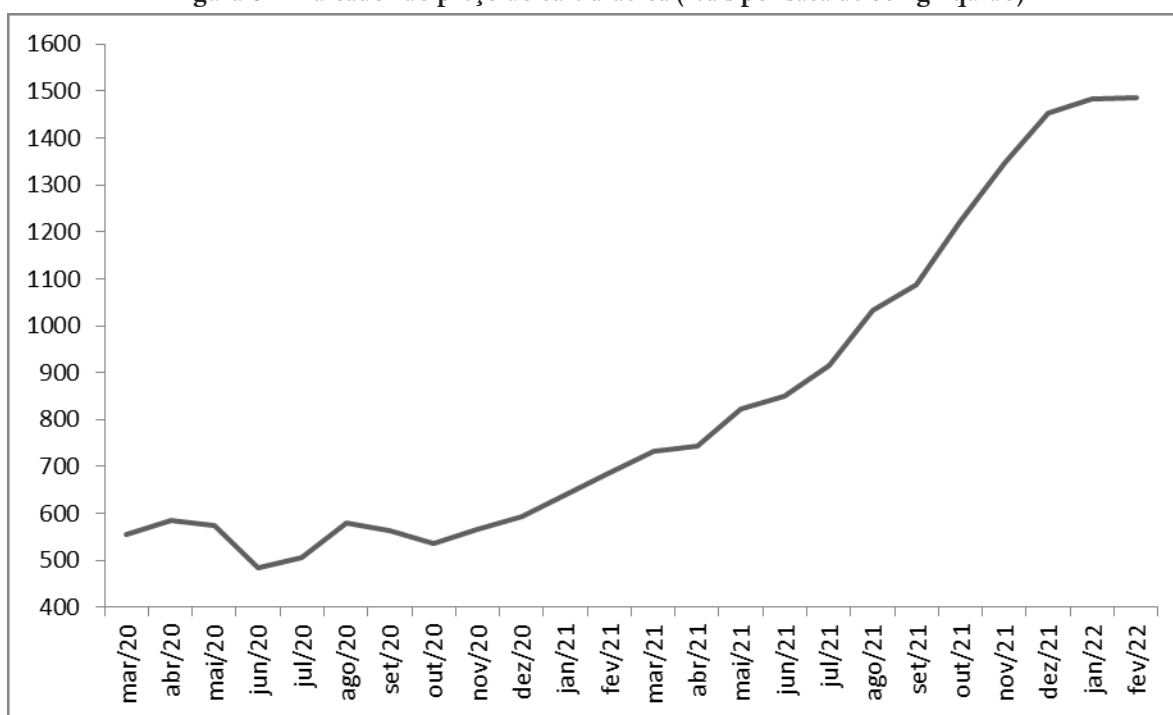
Kreter (2021) destaca que o preço do milho fechou o segundo trimestre de 2021 com alta relevante de 11,9% frente ao primeiro trimestre de 2021, impulsionado pelos poucos estoques e também pelo comprometimento de parte das lavouras, que chegaram a ter a produtividade afetada pelas questões climáticas. O consumo doméstico na safra 2020/21 foi impactado pela baixa esperada na oferta devido a queda na produção e na produtividade do milho.

Figura 3 – Indicador do preço do milho (reais por saca de 60 kg)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

Figura 4 – Indicador do preço do café arábica (reais por saca de 60 kg líquido)



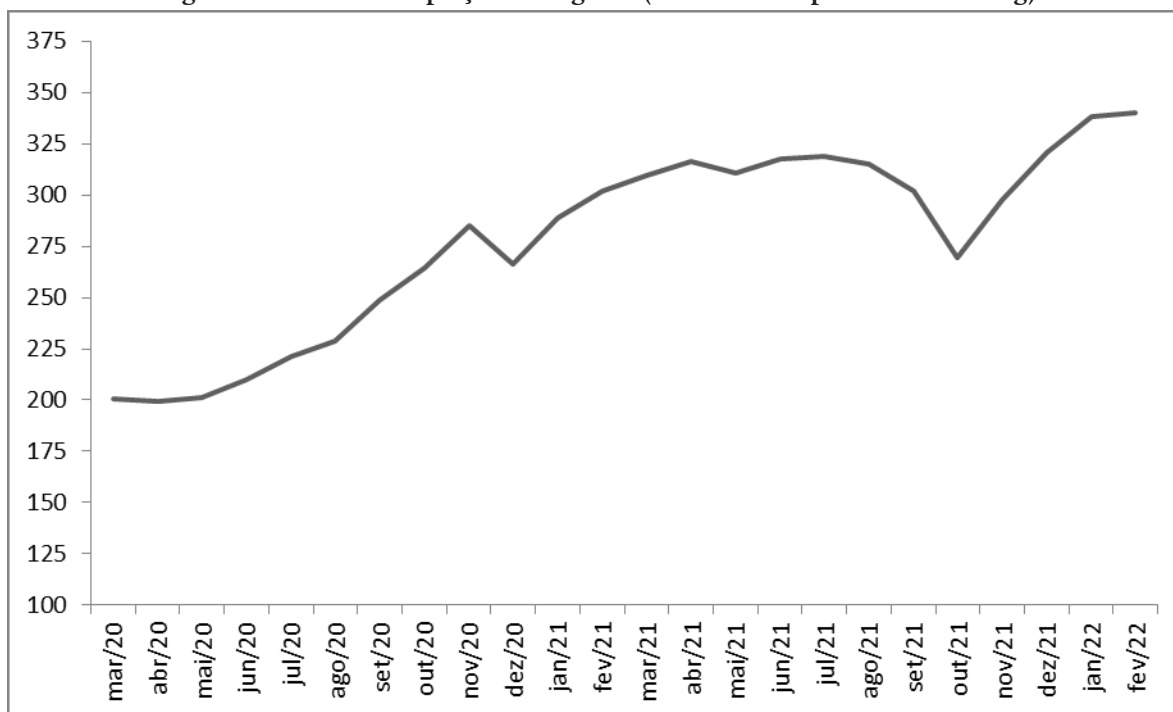
Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

Segundo a CNA (2021), a safra de café colhida no país em 2021 foi marcada por uma diversidade de desafios, o que diminuiu a oferta dos grãos no mercado. Além da já esperada redução, devido a bionalidade negativa, situações climáticas adversas, como as piores geadas em quase 30 anos e a pior seca em mais de 90 anos, acabaram por afetar os principais estados produtores: Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Houve também problemas associados à logística e a desvalorização cambial do real frente ao dólar.

Somado a esses aspectos está o acréscimo no consumo mundial da bebida no decorrer da pandemia da Covid-19. Associado ao maior consumo de café está uma alteração no mercado nacional: com o fechamento de cafeterias, as vendas online da bebida subiram, contrariando as expectativas do segmento, e colaboraram para os aumentos dos preços, um movimento atípico e inesperado (CNA, 2021).

Inácio (2021) comenta que ainda existiram variáveis externas ao Brasil, onde países produtores como Vietnã, Colômbia e Etiópia obtiveram uma produção inferior. A Colômbia nem conseguiu entregar todo o volume prometido para exportação. Assim, o mercado e os preços dispararam externamente e internamente. Além disso, outro fator que afetou os preços do café foi a alta do dólar. O real desvalorizado estimulou os produtores para a exportação do café, pois a lucratividade é superior, e com a baixa oferta no mercado interno, os preços se elevaram. Ao mesmo instante, um dólar mais alto encareceu os custos produtivos. Por exemplo, os defensivos agrícolas subiram mais de 120% em 2021. Com isso, os produtores repassaram parcela desses custos superiores para os consumidores, visando sustentar ao menos parte das margens de lucro.

Figura 5 – Indicador do preço do boi gordo (valor em reais por arroba de 15 kg)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

A arroba do boi gordo registrou elevada valorização em 2020. Segundo Pimentel (2021), a principal razão de o preço ter subido é a ausência de oferta de animais. Os abates diminuíram. Se os abates tivessem se reduzido por falta de demanda, os preços teriam caído junto, mas a demanda caiu e os preços subiram junto, isto é, por falta de oferta. Vale destacar, que todos os mercados sofreram com a pandemia, mas a China registrou uma expansão superior de demanda devido a problemas de abastecimento oriundos do surto de peste suína africana em anos anteriores. Assim, as exportações brasileiras se fortaleceram e como decorrência, o preço da carne bovina subiu 29,1% em um ano.

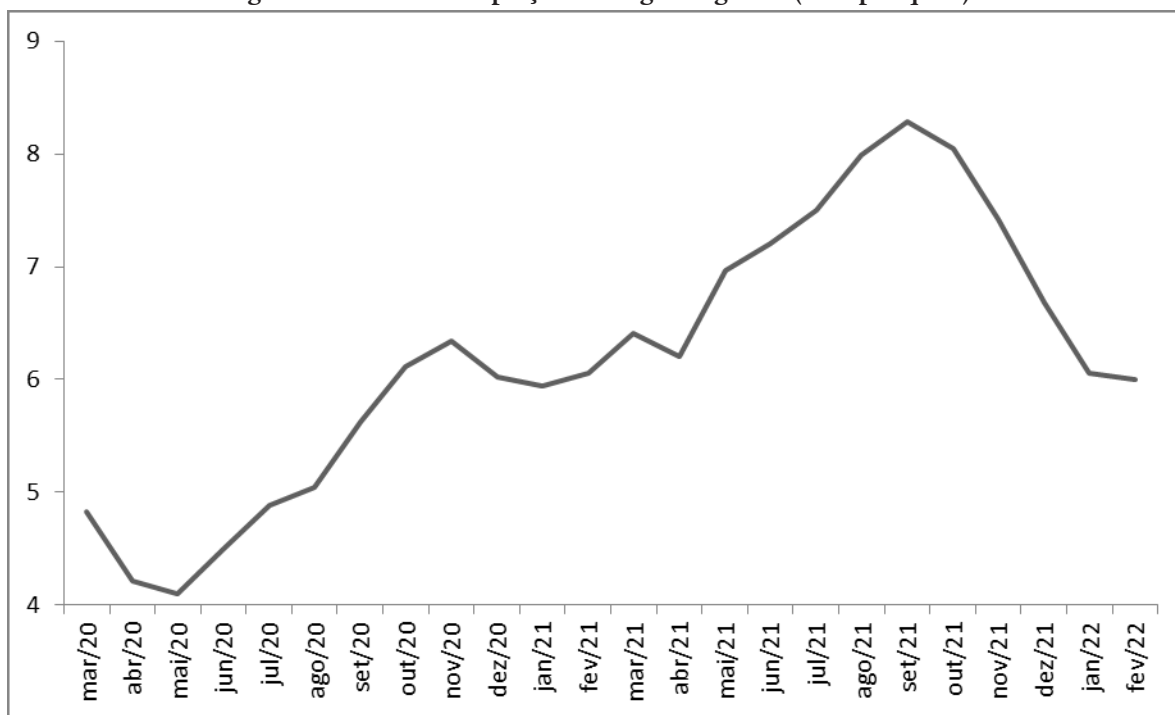
Iglesias (2021) elenca que em prol do mercado externo, o dólar subiu nos últimos anos. Isso acabou tornando a proteína nacional barata para quem paga em dólar. Qualquer valor de câmbio superior a R\$ 5,00 torna a carne bovina bem competitiva. O Brasil possui a segunda carne bovina mais barata do mundo, atrás somente da Argentina. Por exemplo, o boi gordo brasileiro custa US\$ 58, o da Austrália, US\$ 90 e o dos Estados Unidos, US\$ 67.

Pimentel (2021) cita que, entre outros motivos para o aumento do preço da carne bovina, houve o aumento do custo dos grãos utilizados na ração animal. A expansão do confinamento no país depende de milho, farelo de soja e outros produtos que propiciam uma adequada nutrição aos animais. Além disso, também houve altas nos preços dos combustíveis, da energia elétrica e de embalagens.

Agrolink (2021) destaca que o acréscimo nos preços do frango foi provocado pela forte demanda internacional e pelo repasse dos elevados custos, tanto dos insumos de alimentação dos animais quanto da energia elétrica. Na média, entre janeiro de 2020 e setembro de 2021, o frango ficou 25% mais caro que em 2019. Já o custo produtivo, considerando apenas a ave viva, sem computar ainda o custo industrial, aumentou em torno de 48,5%.

De tal modo, em setembro de 2021, o frango congelado inteiro foi o segundo produto da cesta que mais aumentou nos últimos 12 meses, com uma variação de 53,59% em um ano. Para Pereira (2021), sob efeito da grave crise hídrica no Brasil, o acréscimo de preço da energia elétrica influenciou o preço do frango que se compra no supermercado. O caso do frango exemplifica o efeito dominó gerado pelos aumentos da bandeira tarifária, pois a energia elétrica é primordial para a criação de aves.

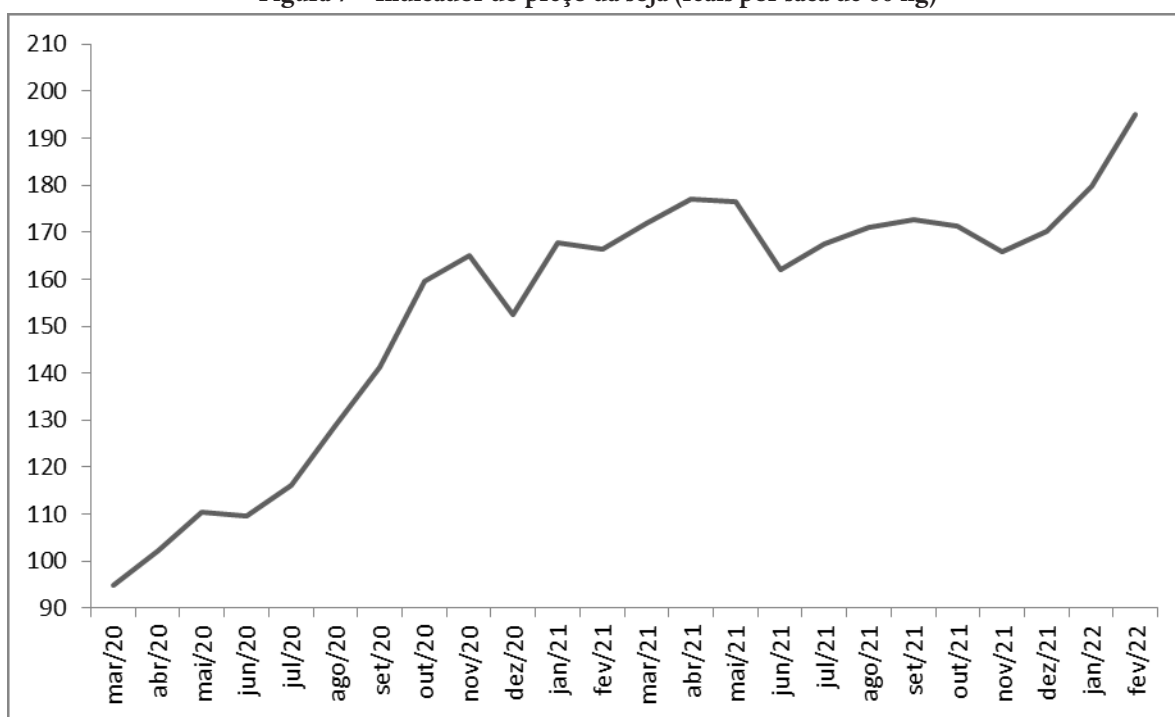
Figura 6 – Indicador do preço do frango congelado (reais por quilo)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

Vasconcelos (2021) elenca que o aumento relevante do preço do frango possui relação com a elevação dos custos de produção dos avicultores, em grande parcela motivado pelo acréscimo do preço do milho e do farelo de soja no mercado interno e externo. Esses insumos se apresentam como cerca de 70 e 80% dos custos e sua elevação soma-se a um aumento no preço de embalagens, energia elétrica e diesel. Estima-se que os produtores tiveram um aumento de 50,62% nos custos produtivos de frangos em 2020.

Figura 7 – Indicador do preço da soja (reais por saca de 60 kg)



Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados do CEPEA (2022).

Kreter (2021) explica que os preços do principal produto do agronegócio nacional, a soja, seguiram em alta no país devido a valorização dos prêmios de exportação e pela manutenção da elevada demanda externa pelo produto. A confirmação da quebra de safra de soja na Argentina e os baixos estoques brasileiro e norte-americano aumentaram o preço no segundo trimestre de 2021 frente com o trimestre anterior.

Zanella (2021) cita que em 12 meses depois do início da pandemia, o preço do óleo de soja aumentou 87,89%. Com a destinação da produção para o mercado externo, a oferta interna acabou ficando limitada. Sendo a mais relevante matéria-prima do óleo, a soja acaba puxando o preço do produto final pra cima. Outro motivo foi o efeito do acréscimo dos componentes importados e do câmbio no preço das máquinas agrícolas em 2021.

Conforme Zanella (2021), a inflação oficial de 2021 foi estimada em 10,2%, contudo, houve aumento nos custos de produção em 26% e no preço de máquinas em 23%. De tal modo, além do aumento do preço das máquinas, dos fertilizantes, dos defensivos químicos, dos alimentos, também houve uma desestruturação internacional que provocou fortes impactos nos preços. Ou seja, um conjunto de fatores fizeram com que o preço se elevasse.

Conforme Assunção (2021), é enganoso falar que a elevação nos preços dos alimentos ocorreu devido à alta da demanda, como afirmou o Governo Federal quando da liberação do Auxílio Emergencial em 2020, uma vez que a demanda, no Brasil, é reprimida por uma política econômica contracionista e pela elevada porcentagem de desemprego evidenciado no país, em razão da política de atendimento aos interesses do capital financeiro.

Assunção (2021) acrescenta que, além disso, o governo atual tem adotado a lógica ultraliberal em relação aos alimentos, ao desestruturar políticas públicas e programas essenciais, como o Programa de Aquisição de Alimentos, e também desmantelando instituições que são essenciais para o processo de regulação de estoques, como a Companhia Nacional de Abastecimento.

Entre maio de 2020 e março de 2021, aconteceu um aumento de 30% do índice agregado de preços de alimentos – índice divulgado pela Organização para as Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Tais elevações também foram induzidas por medidas de variados governos pelo mundo para recompor os seus estoques reguladores de alimentos devido ao cenário de indefinição em relação à duração da pandemia.

Para Miebach (2021), ao assegurar a oferta em períodos de escassez e mitigar a volatilidade de preços, estoques de alimentos são estratégicos para a segurança alimentar das populações e empregados por variados países, com diferentes graus de desenvolvimento. Esse, contudo, não é o caso do Brasil, que começou um processo de depleção de seus estoques em meados de 2016, com vistas a diminuir os custos de armazenamento.

Miebach (2021) complementa que a Covid-19 encontrou o país com os menores estoques reguladores em uma década, o que acabou tornando o mercado de grãos mais sujeito a choques de preços no curto prazo. No limite, quem arca com tais custos não é o erário público, mas, sim, a população cuja participação da alimentação no orçamento é mais alta.

Assim, a partir dos resultados e discussões realizadas nessa seção, destaca-se que a inflação fechou o ano de 2020 em 4,52%, a maior alta desde 2016, quando ficou em 6,29%. A alta no fechamento de 2020 aponta ainda que o índice do ano ficou superior ao centro meta, que era de 4,0%, mas, ainda assim, ficou dentro da margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para baixo (2,5%) ou para cima (5,5%). Contudo, um dos maiores impactos para os consumidores em 2020 foi o aumento de 14,09% nos preços de alimentos e bebidas. O resultado do ano mostrou ainda que outros preços aumentaram, por exemplo, o óleo de soja, com 103,79%, e o arroz, com 76,01%, dispararam no acumulado de 2020, ou seja, um dos principais vilões da inflação em 2020 foi a alimentação. Em 2020, a alta nos preços da alimentação foi influenciada, sobretudo, pela demanda por esses produtos, a alta do dólar e dos preços das commodities no mercado internacional.

Em 2021, a inflação continuou a pesar no bolso dos brasileiros – e na economia. A elevação generalizada de preços foi resultado de uma combinação de aspectos negativos: alta do dólar, valorização global do petróleo e seca. No campo, problemas climáticos colaboraram com o aumento dos preços, como a seca prolongada e as geadas, que afetaram colheitas relevantes no país. Na prática, a inflação denotou a queda do poder de compra da população. Assim, muitos brasileiros tiveram dificuldades para obter itens essenciais da cesta básica, como arroz, feijão e carne, entre outros. Depois de ter disparado 14% em 2020, o preço dos alimentos continuou em alta em 2021 e subiu mais 7,84%. Alguns dos alimentos que tiveram maior alta de preço em 2021: frango, ovos, carne bovina, açúcar e café.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 vem afetando a saúde e a economia global, se comparando a momentos de vasta inflexão na história da humanidade, tais como a gripe espanhola e a recessão de 1929. Ainda que raras, as crises sempre existiram e provavelmente vão continuar a existir. O que nos falta é planejamento e resiliência para enfrentar esses eventos. O presente estudo teve como objetivo compreender os efeitos gerados pela pandemia do Covid-19 nos preços dos alimentos no Brasil.

No campo social, a inflação de alimentos atingiu de forma mais intensa a população com menor renda, cujo gasto com alimentação é relativamente mais alto em relação a outras camadas sociais. Em decorrência, houve a redução da quantidade de alimentos obtida ou mesmo a substituição daqueles com maior qualidade nutricional pelos com menor qualidade, piorando a condição alimentar e nutricional no Brasil. Tal fato é ainda mais relevante em períodos como o atual, em que o acesso aos alimentos sofre aperto em função do acréscimo do desemprego e da queda da renda média da população brasileira.

Os preços dos distintos produtos sobem e descem com base em aspectos globais, bem como com base em variáveis que

são específicas de cada produto e região. Como exemplo, se tem a alta do preço do dólar e do petróleo, que afeta os preços de todos os produtos alimentícios, ao aumentar os custos produtivos e de transporte de alimentos. A escassez de mão-de-obra, como resultado da pandemia de Covid-19, diminuiu a disponibilidade de trabalhadores para cultivar, colher, processar e distribuir alimentos, um dos motivos para o acréscimo dos preços das commodities.

Evidencia-se que o processo de aceleração inflacionária de 2021 foi menos vinculado aos choques de oferta e desarranjos das cadeias de produção (que permanecem), do que a uma agressiva disseminação da alta de preços para os variados segmentos da economia doméstica. Assim, os agentes buscaram aumentar os seus preços, levando em conta tanto a recomposição da alta passada da inflação como também de forma preventiva as expectativas de altas futuras da inflação no país.

Associado a isso, a alta do dólar, que desvaloriza o real e reduz o poder de compra dos consumidores, faz com que o preço dos alimentos fique mais alto. Esses mecanismos de oferta e demanda de produtos no mercado são próprios de um sistema capitalista, no qual quem possui o poder aquisitivo compra, mesmo com alta, e quem tem menor poder aquisitivo aguarda que o preço se reduza (seja por diminuição da demanda ou acréscimo da oferta) para voltar a consumir.

Sendo assim, observa-se a gravidade da condição atual do Brasil, dada a situação preexistente de pobreza, que não tem recebido a atenção adequada. Para milhões de famílias em panorama de pobreza, a elevação do preço dos alimentos evidenciado não pode ser absorvida no orçamento e, assim, a quantidade de indivíduos em situação de insegurança alimentar leve e moderada e em condição de fome se elevou de modo relevante. Nesse sentido, é de extrema importância que políticas públicas sejam criadas no intuito de minimizar os efeitos negativos ocasionados pela pandemia do Covid-19 nas diferentes classes sociais da população brasileira.

REFERÊNCIAS

- AGROLINK. **Preço do frango sobe no varejo, mas permanece aquém da evolução dos custos.** 2021. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/noticias/preco-do-frango-sobe-no-varejo--mas-permanece-aquem-da-evolucao-dos-custos_457411.html>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- ALMEIDA, P. **Etanol e açúcar lideram ranking da inflação em 2021.** 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/etanol-e-acucar-lideram-ranking-da-inflacao-em-2021/>> Acesso em: 03 fev. 2022.
- ALVES, G; ALMEIDA, P. **Impactos da crise mundial do coronavírus no processo produtivo da indústria farmacêutica brasileira e agravantes comerciais.** Monografia. UniEvangélica. Anápolis, 2021.
- ASSUNÇÃO, M. **Alta na inflação dos alimentos e a mercantilização das necessidades humanas.** 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/24/alta-na-inflacao-dos-alimentos-e-a-mercantilizacao-das-necessidades-humanas>>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- BACCARIN, J; OLIVEIRA, J. **Inflação de Alimentos no Brasil em Período da Pandemia da Covid 19, Continuidade e Mudanças. Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 28, p. 1-14. e021002. 2021.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Histórico das metas para a inflação.** 2022. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicometas>>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- BARDI, G. **Pandemia, desigualdade social e necropolítica no Brasil: reflexões a partir da terapia ocupacional social. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO.** Rio de Janeiro. suplemento, v.4, n. 2, p. 496-508, 2020.
- BARROS, G. **A inflação nos preços dos alimentos em 2020 e 2021 e perspectivas.** Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, 2021.
- BERNANKE, B; MISHKIN, F. **Meta de inflação: uma nova estrutura para Política Monetária?,"** NBER Working Papers 5893, National Bureau of Economic Pesquisa, 2010.
- BIERNATH, A. **Quais as semelhanças entre a Covid-19 e outras pandemias do passado?** Saúde., Abril Editora, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Covid-19.** Brasília, DF, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/>>. Acesso em: 01 out. 2021.
- BRASIL. **Portaria Conjunta Nº 20, de 18 de junho de 2020.** Estabelece as medidas a serem observadas visando à prevenção, controle e mitigação dos riscos de transmissão da COVID-19 nos ambientes de trabalho (orientações gerais). Diário Oficial da União. Edição: 116. Seção: 1. Página: 14. 19 jun, 2020.
- CARNEIRO, R. **A inflação brasileira na pandemia.** 2021. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/observabr/2021/09/18/ricardo-carneiro-a-inflacao-brasileira-na-pandemia/>>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- CEPEA. **Açúcar/CEPEA: apesar do aumento da produção, indicador renova recorde nominal em 2020.** 2020. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/diarias-de-mercado/acucar-cepea-apesar-do-aumento-da-producao-indicador-renova-recorde-nominal-em-2020.aspx>> Acesso em: 03 fev. 2022.

- CEPEA. **Preços agropecuários**. 2022. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/indicador/ovos.aspx>> Acesso em: 01 fev. 2022.
- CNA. **Aumento do consumo durante a pandemia e queda na oferta faz preço do café reagir no mercado, mas custos de produção preocupam**. 2021. Disponível em: <<https://www.cnabrazil.org.br/boletins/aumento-do-consumo-durante-a-pandemia-e-queda-na-oferta-faz-preco-do-cafe-reagir-no-mercado-mas-custos-de-producao-preocupam>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- COGO, C. **Pandemia tem provocado aumento de preços de alimentos básicos**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/15/pandemia-tem-provocado-aumento-de-precos-de-alimentos-basicos.ghtml>>. Acesso em: 01 out. 2021.
- CORREIO BRAZILIENSE. **Inflação e pandemia**. 2021. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/opinia0/2021/01/4900435-inflacao-e-pandemia.html>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- DOMÈNECH, J. Medidas econômicas para neutralizar o impacto da Covid-19 na Espanha. *Economia Espanhola*, Foco, n. 4 de abril 2020.
- ECHER, I. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. *Revista gaúcha de enfermagem*. Porto Alegre, v. 22, n. 2. p. 5-20, jul. 2011.
- FREITAS, A; NAPIMOGA, M; DONALISIO, M. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 2, e2020119, 2020.
- GARCIA, I. **Preço do arroz e feijão tem aumento de mais de 60% durante a pandemia, aponta estudo**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/05/10/preco-do-arroz-e-feijao-tem-aumento-de-mais-de-60percent-durante-a-pandemia-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- GIRÃO, O. **O que levou os preços do arroz e do feijão a dispararem mais de 60%**. 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/o-que-levou-os-precos-do-arroz-e-do-feijao-a-dispararem-mais-de-60-1.3076543>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- Grupo Alimento para Justiça. **Insegurança alimentar cresce no país e aumenta vulnerabilidade à covid-19**. 2021. Disponível em: <<https://www.medicina.ufmg.br/inseguranca-alimentar-cresce-no-pais-e-aumenta-vulnerabilidade-a-covid-19/>> Acesso em: 13 dez. 2021.
- IBGE. **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo**. 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?edicao=30008>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- IBGE. **Pela primeira vez, menos da metade das pessoas em idade de trabalhar está ocupada**. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28111-pela-primeira-vez-menos-da-metade-das-pessoas-em-idade-de-trabalhar-esta-ocupada>>; Acesso em: 14 fev. 2022.
- IGLESIAS, F. **Por que o preço da carne bovina subiu tanto e qual a tendência?**. 2021. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/pecuaria/boi/preco-da-carne-tendencia/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- INÁCIO, C. **Café pode ter maior preço em mais de 25 anos com problemas na produção**. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/cafe-pode-ter-maior-preco-em-mais-de-25-anos-com-problemas-na-producao/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- IPEA. **Inflação por faixa de renda – Março/2021**. 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/inflacao-por-classe-social/>>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- JASKULSKI, A. **A estabilização econômica do plano real e o desenvolvimento econômico do período**. 2010. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- KRETER A. **A Preços da soja, milho e algodão sobem acima de 70% no Brasil no primeiro semestre deste ano, diz Ipea**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/08/19/precos-da-soja-milho-e-algodao-sobem-acima-de-70percent-no-brasil-no-primeiro-semester-deste-ano-diz-ipea.ghtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- LI, R. Substancial a infecção não documentada facilita a disseminação rápida de novos coronavírus (SARS-CoV2). *Science*, v. n. 368, p. 489-493, 2020.
- MCDougall, M. **Crise global do açúcar pode piorar com recorde no preço do etanol**. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/exame-agro/crise-global-do-acucar-pode-piorar-com-recorde-no-preco-do-etanol/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- MIEBACH, A. **Os preços e a inflação na pandemia**. 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/os-precos-e-a-inflacao-na-pandemia/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- MOTA, C. **Inflação no Brasil é 5ª maior da América Latina**. 2022. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/>

noticia/2022/01/inflacao-no-brasil-e-5-maior-da-america-latina.html. Acesso em: 29 jan. 2022.

OIT. **Trabalho em tempos de pandemia: desafios no enfrentamento da doença coronavírus (COVID-19):** Situação trabalhista na América Latina e no Caribe, Nº 22 (LC / TS.2020 / 46), Santiago, 2020.

OMS. **Representação da OPAS no Brasil.** “Folha Informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 25 out. 2021.

PEREIRA, D. **Frango 40% mais caro: como a alta da conta de luz aumentou preço da ave em 2021.** 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/10/frango-40-mais-carro-como-a-alta-da-conta-de-luz-aumentou-preco-da-ave-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

PIMENTEL, L. **Preço das carnes sobe na pandemia mas custo aperta margem do pecuarista.** 2021. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/programas/informacao/mercado-e-cia/preco-carne-pandemia-custo/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

RECEITA FEDERAL. **Tabelas de conversão para reais do dólar dos EUA.** 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/receita-federal/pt-br/assuntos/orientacao-tributaria/tributos/tabelas-de-conversao-para-reais-do-dolar-pessoa-fisica-IRPF-2021>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

RIVEIRA, C. **De arroz a gasolina: por que a inflação virou o problema que faltava ao Brasil em 2021.** 2021. Disponível em: <<https://exame.com/economia/pandemia-crise-e-desemprego-agora-a-inflacao-se-tornou-a-ameaca-que-faltava-no-brasil/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

SABOIA, J; ROUBAUD, F; RAZAFINDRAKO, M. **A pandemia e o mercado de trabalho no Brasil.** 2020. Disponível em: <<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/a-pandemia-e-o-mercado-de-trabalho-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SANTOS, B. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** 1ª ed. Coimbra: Edições Almedina, S.A.; 2020.

SCHNEIDER, S; CASSOL, A; LEONARDI, A; MARINHO, M. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos avançados**, v 34, n. 100, 2020.

SCHWARTSMAN, A. **A Crise Cambial e o Ajuste Fiscal.** Revista de Economia Política, São Paulo, 2013.

SEBRAE. **Impactos e tendências da COVID-19 nos pequenos negócios.** 2020. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/impactos-etendencias-da-covid-19-os-pequenos-negocios,5e8fbd0c7d711710VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SOUZA JÚNIOR, J. **A Preço da soja, milho e algodão sobem acima de 70% no Brasil no primeiro semestre deste ano, diz Ipea.** 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/08/19/precos-da-soja-milho-e-algodao-sobem-acima-de-70percent-no-brasil-no-primeiro-semester-deste-ano-diz-ipea.ghtml>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

TORERO, M. **Preços dos alimentos no mundo seguem em alta com queda de estoques.** 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/preco-dos-alimentos-no-mundo-seguem-em-alta-com-queda-de-estoques-diz-fao/>>. Acesso em: 01 out. 2021.

VASCONCELOS, H. **Preço do frango já acumula alta de 25% em um ano.** 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/preco-do-frango-ja-acumula-alta-de-25-em-um-ano-entenda-os-motivos-1.3137448>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

VELHO, A. **Arroz: preço mais do que dobra e produtor recompõe margens na pandemia.** 2021. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/programas/informacao/mercado-e-cia/arroz-preco-pandemia/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

YASBEK, P. **Entenda como a alta da inflação no mundo afeta o Brasil.** 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/entenda-como-a-alta-da-inflacao-no-mundo-afeta-o-brasil/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

ZANELLA, C. **Setor aponta pandemia como uma das causas da elevação de custos e de preço de alimentos.** 2021. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/pandemia-custos-preco-alimentos/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

ANEXO A

Data	IPCA (mensal) (%)	IPCA (12 meses) (%)	IPCA (Alimentos e bebidas - mensal) (%)	Meta central da inflação (%)	Taxa Selic (%) ²	Taxa de câmbio nominal (Dólar) ³
Jan/2020	0,21	4,19	0,39	4,00	4,50	4,15
Fev/2020	0,25	4,00	0,11	4,00	4,25	4,34
Mar/2020	0,07	3,30	1,13	4,00	3,75	4,88
Abr/2020	-0,31	2,40	1,79	4,00	3,75	5,33
Mai/2020	-0,38	1,88	0,24	4,00	3,00	5,64
Jun/2020	0,26	2,13	0,38	4,00	2,25	5,20
Jul/2020	0,36	2,31	0,01	4,00	2,25	5,28
Ago/2020	0,24	2,44	0,78	4,00	2,00	5,46
Set/2020	0,64	3,14	2,28	4,00	2,00	5,40
Out/2020	0,86	3,92	1,93	4,00	2,00	5,63
Nov/2020	0,89	4,31	2,54	4,00	2,00	5,42
Dez/2020	1,35	4,52	1,74	4,00	2,00	5,15
Jan/2021	0,25	4,56	1,02	3,75	2,00	5,36
Fev/2021	0,86	5,20	0,27	3,75	2,00	5,42
Mar/2021	0,93	6,10	0,13	3,75	2,75	5,65
Abr/2021	0,31	6,76	0,40	3,75	2,75	5,56
Mai/2021	0,83	8,06	0,44	3,75	3,50	5,29
Jun/2021	0,53	8,35	0,43	3,75	4,25	5,03
Jul/2021	0,96	8,99	0,60	3,75	4,25	5,16
Ago/2021	0,87	9,68	1,39	3,75	5,25	5,25
Set/2021	1,16	10,25	1,02	3,75	6,25	5,44
Out/2021	1,25	10,67	1,17	3,75	7,75	5,64
Nov/2021	0,95	10,74	-0,04	3,75	7,75	5,62
Dez/2021	0,73	10,06	0,84	3,75	9,25	5,58

Quadro 1 – IPCA no Brasil entre janeiro de 2020 a dezembro de 2021

Fonte: IBGE e Receita Federal (2021)

² O regime de metas da inflação é o conjunto de procedimentos para assegurar a estabilidade de preços no país (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2022).

³ A taxa de câmbio nominal é a taxa que expressa a relação de valor entre duas moedas de países diferentes.